

Comportamento reprodutivo das mulheres indígenas: Um estudo do povo Krenak, Minas Gerais, Brasil*

Cláudio S. Dias Júnior[♣]

Ana Paula A. Verona[♣]

João L. Pena[♣]

George L. L. Machado-Coelho[♥]

Luciano E. Moreira[♣]

Palavras-Chave:

Resumo

Introdução: Diversos levantamentos realizados no Brasil têm apontado a existência de cerca de 200 povos indígenas em nosso país. Esses povos estão distribuídos por todo o território nacional, e se dividem em várias etnias, com características sociais, culturais e econômicas distintas. Apesar da presença de povos indígenas aldeados em todo o país, a maioria dos estudos epidemiológicos e demográficos tratam dos povos amazônicos. **Objetivo:** Este trabalho analisa o comportamento reprodutivo das mulheres indígenas Krenak, residentes no estado de Minas Gerais, Brasil. O objetivo principal é gerar informações referentes ao comportamento reprodutivo dessas mulheres. **Metodologia:** A população da Terra Indígena Krenak é composta por 240 indivíduos. Para este estudo foram selecionadas apenas as mulheres com 10 anos e mais de idade. A descrição do comportamento reprodutivo das mulheres Krenak foi feita a partir do cálculo da taxa de fecundidade total (TFT) de período no intervalo de 2003 a 2007 (para mulheres de 10-49 anos), e de coorte (para mulheres com 50 anos e mais), da idade média ao ter os filhos, intervalo intergenésico, idade da primeira gravidez e do uso de métodos contraceptivos. **Resultados:** Os dados mostram que a fecundidade das mulheres Krenak está declinando. A TFT das mulheres em idade reprodutiva é de 3,6 filhos, enquanto que a TFT das mulheres com 50 anos e mais é de 7,5 filhos. Outro ponto importante é o uso intensivo de métodos contraceptivos modernos. **Conclusão:** O comportamento reprodutivo dos Krenak difere muito dos relatos obtidos entre os povos amazônicos. Está ocorrendo um declínio da fecundidade e uso intensivo de métodos modernos de contracepção entre as mulheres Krenak. Acredita-se que esses resultados, mesmo preliminares, já evidenciam um provável padrão norte e um padrão sul de fecundidade entre a população indígena aldeada no Brasil.

* Trabajo presentado en el III Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población, realizado en Córdoba, Argentina, del 24 al 26 de septiembre de 2008.

♣ Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), claudio.austin@gmail.com.

♣ The University of Texas at Austin.

♣ Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

♥ Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

♣ Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE).

Comportamento reprodutivo das mulheres indígenas: Um estudo do povo Krenak, Minas Gerais, Brasil*

Cláudio S. Dias Júnior[♣]

Ana Paula A. Verona[♣]

João L. Pena[♣]

George L. L. Machado-Coelho[♥]

Luciano E. Moreira[♣]

Introdução

Diversos levantamentos realizados por entidades ligadas à causa indígena, como o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e o Instituto Sócio-Ambiental (ISA), revelam que no Brasil existem cerca de 200 povos indígenas, que falam aproximadamente de 180 línguas (Orellana et al, 2007; Pagliaro et al, 2005). Esses povos estão distribuídos por todo o território nacional, e se dividem em várias etnias, com características sociais, culturais e econômicas distintas (Pagliaro et al, 2005). O tamanho desta população varia segundo as fontes de informação. De acordo com os dados disponíveis, existem entre 315 e 735 mil indígenas no Brasil, valores que não ultrapassam 0,5% da população total do país (IBGE, 2007).

Em Minas Gerais, o número de indígenas aldeados é de aproximadamente 12 mil pessoas, segundo o censo realizado pela Universidade Federal de Ouro Preto em 2007. De acordo com esse levantamento, oito povos indígenas residem no estado, sendo eles os Xakriabá, Maxakali, Krenak, Pataxó, Kaxixó, Xukuru-Kariri, Pankararu e Aranã. Por outro lado, os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelam a existência de 49.000 pessoas que se autodeclararam indígena no estado em 2000. Este número é equivalente a 0,3% da população total de Minas Gerais. Uma informação importante é que deste total, 78% viviam em áreas urbanas, com a maior concentração localizada na região metropolitana de Belo Horizonte (Dias Júnior et al, 2008).

Como se percebe, o peso da população indígena no total da população é muito baixo. Esta realidade faz com que os demógrafos brasileiros dêem pouca atenção a essa parcela da população (IBGE, 2007; Pagliaro et al, 2005; Wong et al. 2006). Pode-se dizer que além do baixo número de casos, outros motivos têm levado os demógrafos a evitarem esse tema, como por exemplo: os poucos dados confiáveis sobre essa parcela da população, a dificuldade dos demógrafos brasileiros em realizar trabalhos interdisciplinares (no caso da população indígena é muito importante a troca de conhecimentos e técnicas de pesquisa entre antropólogos, médicos e demógrafos), a pouca familiaridade dos demógrafos com estudos de caso e métodos qualitativos (ponto importante se pensarmos nas populações indígenas aldeadas), dentre outros aspectos. Além disso, deve-se destacar que a grande maioria das análises sobre a

* Trabajo presentado en el III Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población, realizado en Córdoba, Argentina, del 24 al 26 de septiembre de 2008.

♣ Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), claudio.austin@gmail.com.

♣ The University of Texas at Austin.

♣ Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

♥ Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

♣ Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE).

dinâmica demográfica dos povos indígenas é baseada em dados coletados por antropólogos, médicos e religiosos, cuja ausência de um olhar demográfico mais acurado no momento da construção dos instrumentos de coleta dos dados, resulta em informações que dificultam a aplicação de técnicas demográficas tradicionais nas análises desses dados, afastando, ainda mais, o interesse dos demógrafos sobre o tema (Early, 1985).

Outro ponto importante observado é que os estudos realizados quase sempre abordam a população indígena da região norte do país. Esta opção resulta em um desconhecimento quase que total da dinâmica populacional dos povos indígenas aldeados fora da amazônia legal (Coimbra e Garnelo, 2003).

Diante destas questões, o presente trabalho visa contribuir para o estudo demográfico dos povos indígenas no Brasil, analisando o comportamento reprodutivo das mulheres Krenak, residentes em Minas Gerais. Os dados aqui utilizados foram produzidos pela pesquisa “*Distribuição Espacial da Desnutrição da População Infantil e das Nosologias Prevalentes no Período de 2000 a 2006, em Populações Indígenas em Minas Gerais*”, coordenada pelo Laboratório de Epidemiologia da Escola de Farmácia, da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e pela Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), e foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig).

Quem são os Krenak?

Desde o início da exploração portuguesa no século XVI, os botocudo, grupo indígena pertencente ao tronco lingüístico Macro-Jê, mantiveram um contato belicoso com os colonizadores (Arantes, 2006; Paraíso, 1992). Com a falência das capitânias de Ilhéus, Porto Seguro e Espírito Santo, áreas habitadas pelos botocudo no século XVII, a região foi “abandonada” por Portugal. Esse abandono permitiu a preservação das matas naturais da região, que além de servir como bloqueio natural ao acesso às minas de ouro e diamante encontradas nas atuais Ouro Preto, Sabará e Diamantina, em Minas Gerais, foi favorável aos povos indígenas que viviam na região, uma vez que puderam preservar-se dos efeitos negativos do contato com a sociedade nacional (Paraíso, 1992).

Essa relativa tranqüilidade terminou com o declínio do ciclo-do-ouro em Minas Gerais no final do século XVIII. A busca de alternativas econômicas para a colônia fizeram com que as áreas ainda pouco exploradas economicamente fossem, aos poucos, ocupadas pelos homens brancos. Mais uma vez, a região habitada pelo povo botocudo foi invadida por colonos, fazendeiros e comerciantes, iniciando, novamente, um longo período de conflitos entre brancos e índios, que perpassou todo o século XIX e mais da metade do século XX. Deste contato, o único povo botocuto sobrevivente foi o Krenak (Arantes, 2006; Paraíso, 1992).

Os Krenak surgiram de uma dissidência do grupo Gutkrak, que viviam no Espírito Santo. Essa dissidência ocorreu no início do século XX por discordâncias em relação aos contatos estabelecidos com o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) (Paraíso, 1992). Com essa cisão, os Krenak, comandados por Capitão Krenak, se refugiaram nas matas do município de Resplendor, em Minas Gerais. Após alguns impasses em relação ao estabelecimento de uma área para o povo Krenak, em 1918 o Estado de Minas Gerais cedeu 2 mil hectares, que foram ampliados para 4 mil em 1920 (Paraíso, 1992).

Mesmo com a posse de suas terras, os Krenak conviveram com invasões por parte dos homens brancos e com dificuldades de toda sorte, seja em relação à sobrevivência, seja em relação ao convívio forçado com outros povos indígenas. Só

em 1997 a Terra Indígena Krenak foi demarcada, tendo uma área de 4.039.824 hectares. Esta Terra Indígena está localizada no município de Resplendor, às margens do rio Doce, no extremo leste do Estado de Minas Gerais, quase na divisa do Estado do Espírito Santo.

A população Krenak residente nesta Terra Indígena apresenta um alto índice de mestiçagem, devido, principalmente, aos casamentos interétnicos. Tal característica, às vezes, os fazem passar por caboclos, colocando em dúvida as suas raízes indígenas. Apesar disso, como ressalta Paraíso (1992), mesmo

“transformados, lutando para manter a sua identidade, o que constatamos é que os Krenak, além de sua língua - o borum - que é falada com fluidez e regularidade pelos adultos, mantêm ainda alguns traços característicos do seu povo. Isto apesar das adaptações exigidas pelo contato para que garantisse a sobrevivência física e a reprodução social dos botocudos.” (p.428)

Metodologia

Este trabalho utiliza os dados do censo realizado em 2007 pela equipe de pesquisadores da UFOP e UNIVALE. De acordo com essa pesquisa, a população da Terra Indígena Krenak é composta por 240 indivíduos, que residem em 57 domicílios dispersos em cinco aldeias: Pólo Atoram, Pólo Barca, Pólo Cacau, Pólo Cacique e Pólo Eme. Foram selecionadas apenas as mulheres com 10 anos e mais de idade, residentes na Terra Indígena Krenak, totalizando 91 mulheres sendo que 81 em idade reprodutiva (10-49 anos de idade).

O tópico sobre comportamento reprodutivo do questionário aplicado na Terra Indígena Krenak foi desenvolvido a partir do questionário do Censo Demográfico 2000 do IBGE e do questionário do Demographic Health Survey (DHS) Brasil de 1996. Além das tradicionais questões de identificação do indivíduo e suas características socioeconômicas e demográficas, foram incluídas questões referentes ao número de filhos nascidos vivo, à história de nascimentos, a idade à primeira gravidez e conhecimento e uso de métodos contraceptivos. O questionário foi pré-testado e adaptado em uma linguagem mais simples, de fácil entendimento para a população alvo de nossa pesquisa. Como o povo Krenak se comunica fluentemente em português, não foi preciso traduzir os questionários para o idioma Borum.

O trabalho de campo nos Krenak foi realizado em Abril de 2007. Os questionários foram aplicados por alunas do curso de nutrição da UFOP. Todo o trabalho de campo foi acompanhado por agentes indígenas de saúde e coordenado pelo antropólogo da equipe.

A descrição do comportamento reprodutivo das mulheres Krenak foi feita a partir do cálculo da taxa de fecundidade total (TFT) de período no intervalo de 2003 a 2007 (para mulheres de 10-49 anos), e de coorte (para mulheres com 50 anos e mais), da idade média ao ter os filhos, idade da primeira gravidez e do uso de métodos contraceptivos.

Para calcular a TFT de período, somamos as taxas específicas de fecundidade TEFs e multiplicamos por cinco, que é o equivalente em anos de cada grupo etário (Carvalho et al, 1998). Para realizar esses cálculos utilizamos a fórmula (1):

$$TFT = \sum TEF * 5 \quad (1)$$

Para calcular a TFT de coorte utilizamos um método demográfico de estimativa da fecundidade chamado Razão de Progressão por Parturição (*Parity Progression Ratio*) - RPP (Preston et al, 2001). Este método estima a fecundidade e o seu padrão a partir da informação de parturição de uma determinada coorte de mulheres (grupo de mulheres que pertencem ao mesmo intervalo etário). A RPP é a probabilidade de se ter um filho de ordem $x+1$ dado que se tenha um filho de ordem x . Geralmente a RPP é utilizada em coortes que já encerraram a vida reprodutiva, isto é, coortes de mulheres com 50 anos e mais de idade. Portanto, uma característica desta medida é que ela representa o comportamento reprodutivo passado da população, permitindo assim, fazer comparações com a fecundidade observada no período atual.

A fórmula (2) apresenta o cálculo da TFT a partir do somatório das RPPs:

$$TFT = \frac{N_x}{M_x} = \frac{\sum_{x=1}^n N_x}{\sum_{x=0}^n M_x} = \sum_{x=1}^n RPP_{(0,x)} \quad (2)$$

Onde:

N_x = número de nascimentos de parturição x

M_x = número de mulheres com parturição x (até parturição = n).

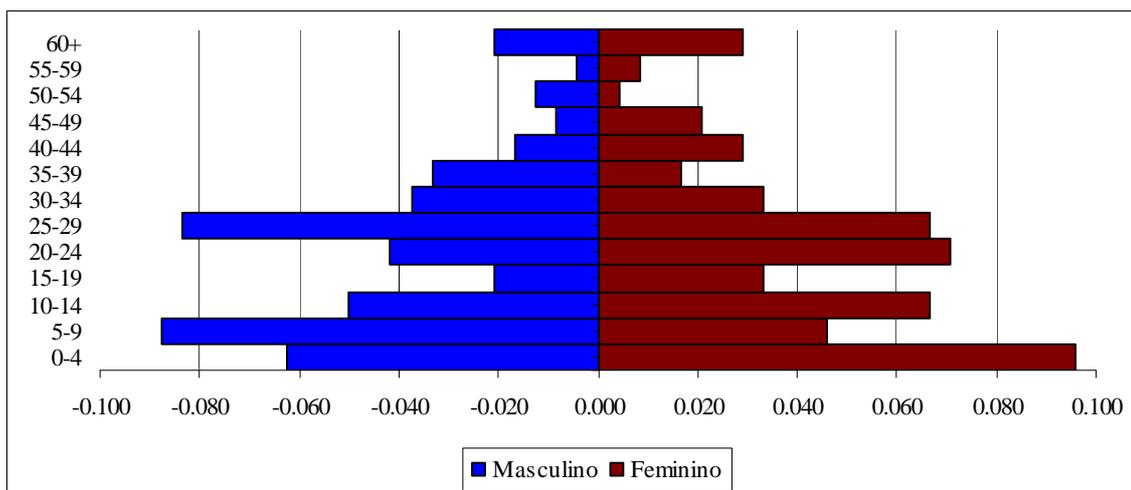
A idade média ao ter os filhos, segundo a ordem de nascimento, foi calculada de maneira direta, uma vez que o questionário possui as idades das mães aos terem seus filhos, em todas as ordens. As informações sobre o uso de contraceptivos também foram coletadas diretamente do questionário.

Resultados

A população Krenak é composta por 240 indivíduos. Deste total, 125 são mulheres e 115 homens. A Figura 1 mostra a distribuição da população segundo o sexo e o grupo etário. Nota-se que a estrutura é muito irregular, resultado, talvez, do baixo contingente populacional. Nessa figura fica evidenciada a prevalência de homens em idade entre 25 e 39 anos, por outro lado, as mulheres são maioria no grupo até 20 anos e com 55 anos e mais.

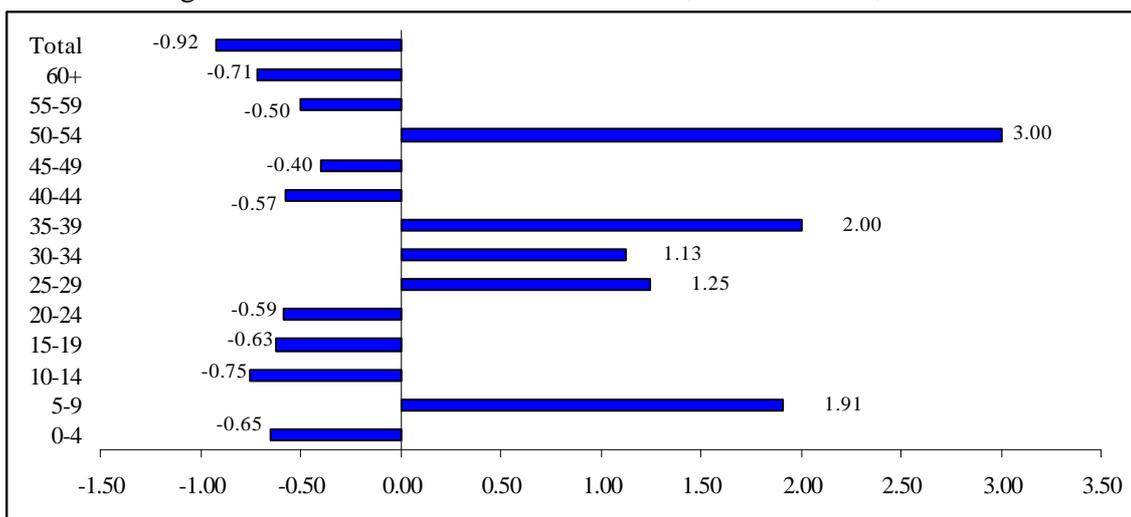
A Figura 2 apresenta a razão de sexo entre os Krenak, segundo o grupo etário e a população total. Como mostrado na pirâmide etária, a população Krenak é majoritariamente feminina. A razão de sexo da população total é de 0.92, isto é, para cada 100 mulheres tem-se 92 homens.

Figura 1 - Pirâmide etária da população Krenak, Minas Gerais, 2007



Fonte: Censo Krenak, UFOP/Univale, 2007

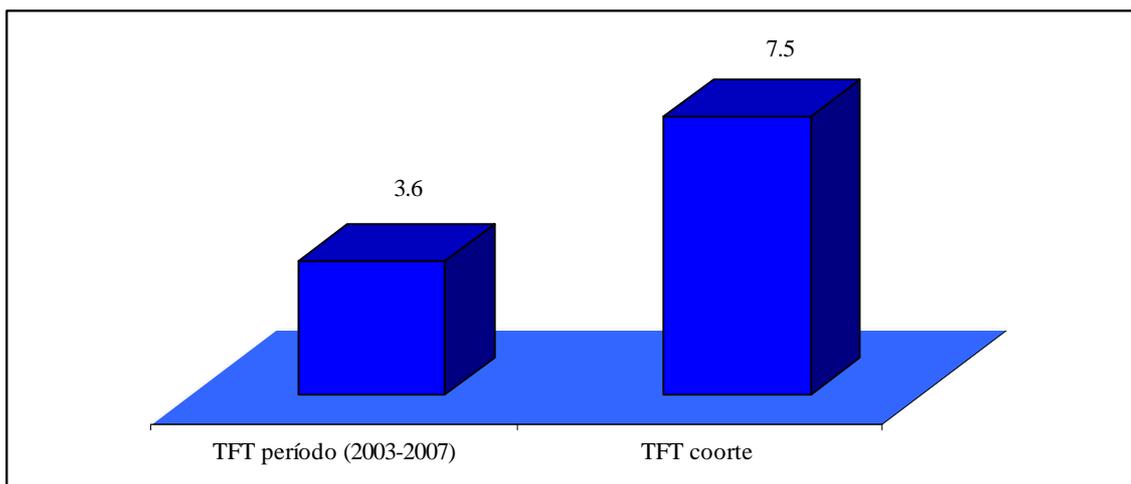
Figura 2 - Razão de sexo entre os Krenak, Minas Gerais, 2007



Fonte: Censo Krenak, UFOP/Univale, 2007

A Figura 3 mostra as TFTs de período (2003-2007) e coorte das mulheres Krenak. Segundo estes dados, fica evidente que a fecundidade entre os Krenak está declinando. A TFT de coorte, isto é, das mulheres com 50 anos e mais, é de 7,5 filhos, ao passo que a fecundidade de período é de 3,6 filhos, uma diferença de quase 4 filhos de uma geração para outra.

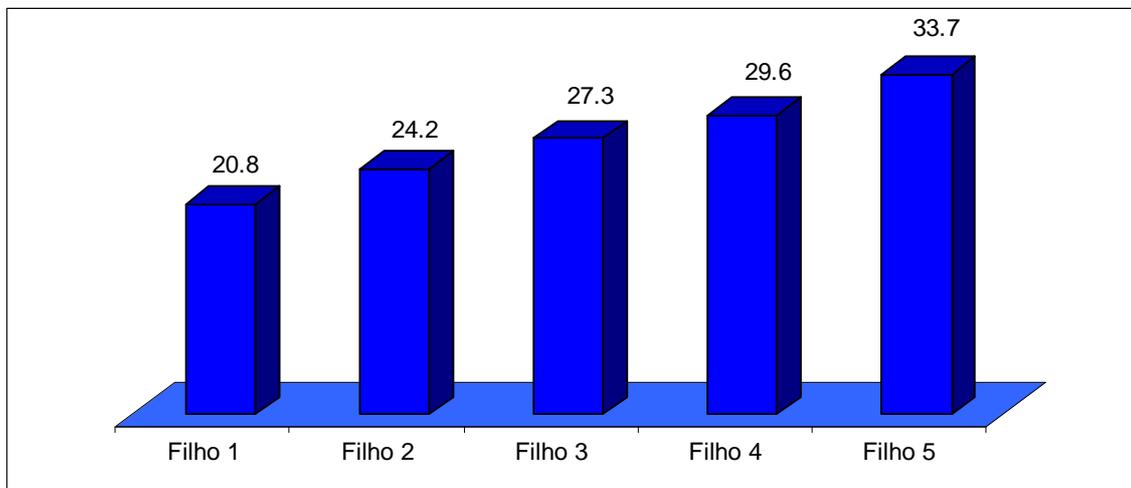
Figura 3 - Taxa de fecundidade total de período e coorte das mulheres Krenak, Minas Gerais, 2007



Fonte: Censo Krenak, UFOP/Univale, 2007

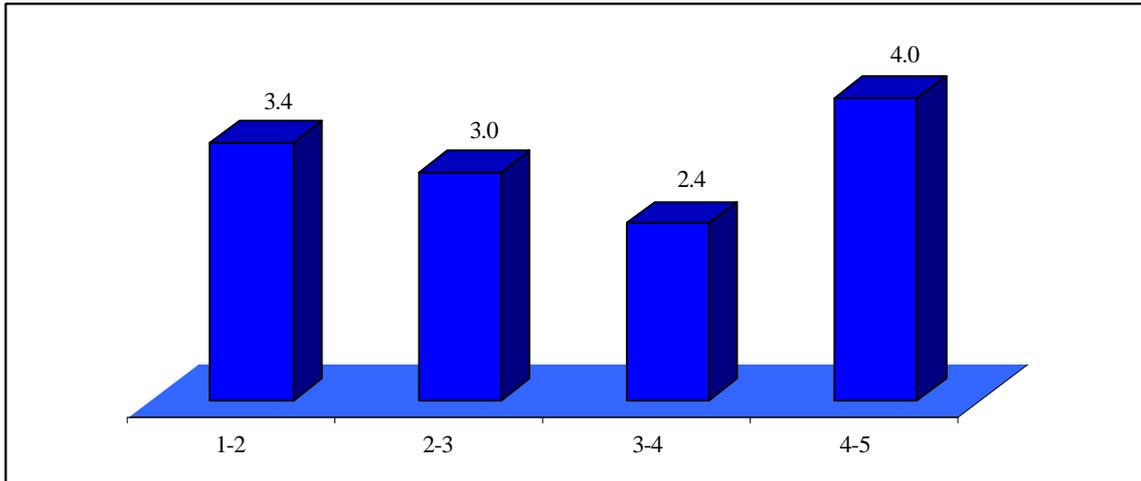
A Figura 4 mostra que a idade média ao ter o primeiro filho entre as mulheres Krenak é 20.8 anos. Já a Figura 5 mostra que o espaçamento médio entre os nascimentos diminui com a progressão da parturição, até o quarto filho. Entre o quarto e o quinto filho é observado um significativo aumento, quando comparado com o intervalo anterior. O intervalo intergenésico médio entre as mulheres Krenak é de 39.1 meses. Outra informação importante é que entre as mulheres Krenak, 65% tiveram o primeiro filho entre 18 e 22 anos.

Figura 4 - Idade média ao ter os filhos, segundo a ordem de nascimento, mulheres Krenak, Minas Gerais, 2007



Fonte: Censo Krenak, UFOP/Univale, 2007

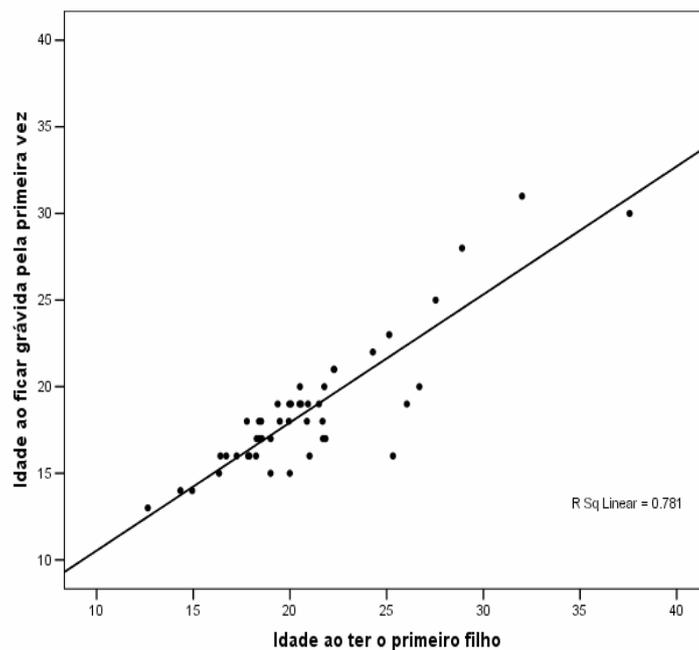
Figura 5 - Intervalo intergenésico médio, em anos, segundo as ordens de nascimento, mulheres Krenak, Minas Gerais, 2007



Fonte: Censo Krenak, UFOP/Univale, 2007

A Figura 6 mostra a correlação entre a idade ao ter o primeiro filho e a idade à primeira gravidez, independentemente se o filho nasceu ou não. É clara a existência de uma forte correlação entre essas duas variáveis. A distribuição dos casos mostra que a idade ao ficar grávida pela primeira vez e a idade ao ter o primeiro filho são bem próximas, podendo indicar um baixo volume de abortos, pelo menos em relação ao primeiro filho.

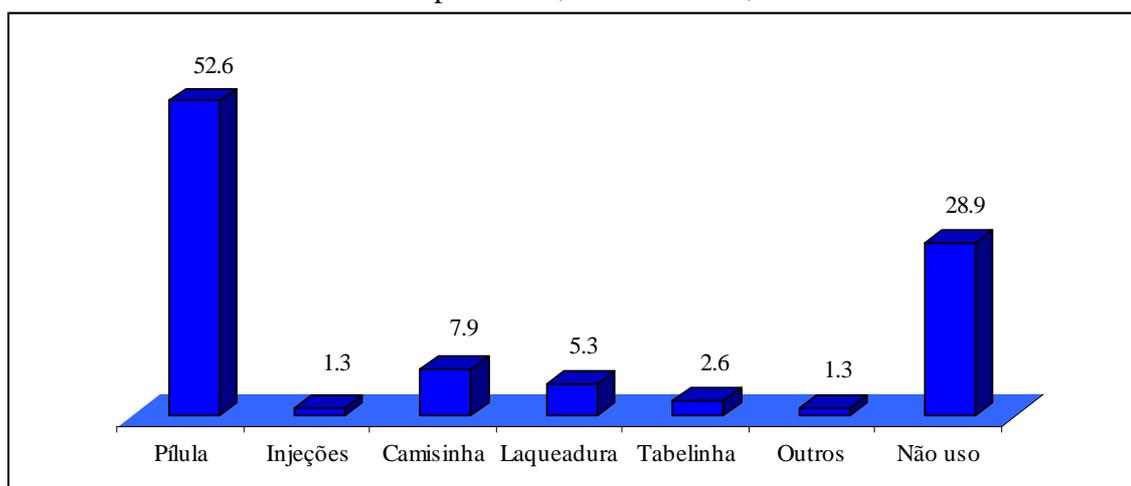
Figura 6- Correlação entre a idade da primeira gravidez e a idade ao ter o primeiro filho, Mulheres Krenak, Minas Gerais, 2007



Fonte: Censo Krenak, UFOP/Univale, 2007

A Figura 7 mostra quais são os métodos contraceptivos mais difundidos entre as mulheres Krenak em idade reprodutiva. Fica evidente que o uso de pílulas anticoncepcionais é o método mais comum entre elas, com quase 53% das respostas. Por outro lado, 28,9% das mulheres Krenak declararam não usar métodos para evitar filhos, e 2,6% utilizam da tabelinha, um método pouco eficaz. Outro ponto importante a ser destacado é o percentual de mulheres esterilizadas, 5,3%.

Figura 7 - Uso de métodos contraceptivos (%) entre as mulheres Krenak em idade reprodutiva, Minas Gerais, 2007



Fonte: Censo Krenak, UFOP/Univale, 2007

Discussão

De uma maneira geral, o que se observa nos artigos publicados sobre povos indígenas aldeados são as altas taxas de fecundidade, que em conjunto com o declínio das taxas de mortalidade infantil, proporcionam elevadas taxas de crescimento anual (Pagliaro et al, 2007; McSweeney e Arps, 2005). Esses achados vão de encontro com a teoria desenvolvida por Darcy Ribeiro nos anos cinquenta. Para ele, o processo de integração dos povos indígenas com a sociedade ocidental acarretaria em uma redução progressiva da população autóctone, podendo chegar, no extremo, à extinção (Santos et al, 2005; Ribeiro, 1957, 1956).

Ao contrário da previsão de Darcy Ribeiro, a população indígena tem se recuperado das graves crises associadas ao estabelecimento do contato com a sociedade ocidental (Flowers, 1994). Santos et al (2005), por exemplo, ao analisarem dados oriundos de diversos recenseamentos e da história reprodutiva das mulheres Xavante de Pimental Barbosa, no Mato Grosso, construíram uma série histórica da TFT. Entre 1942/1956 a TFT era de 8,0 filhos por mulher. No período de 1957/1971 essa TFT declinou para 5,9. Em seguida, entre 1972/1990, observou-se uma recuperação da TFT, que chegou a 7,9 filhos por mulher. Segundo os autores, as mulheres Xavante alegaram que no período de 1957/1971 houve um aumento da mortalidade infantil, fazendo com que elas perdessem a vontade de ter filhos, uma vez que não queriam ver a prole morrer. Já entre os Xavante de Sangradouro-Volta

Grande, no período de 1993-1997, a TFT estava próxima de 8,6 filhos, segundo Souza e Santos (2001).

Campanário (2005), utilizando o modelo de Evadan para corrigir os dados levantados pela Universidade Federal de São Paulo, desde 1965, encontrou uma TFT de 10,1 filhos por mulher, entre os índios Kaiabi, do Parque Indígena do Xingu, no período de 1995-2000 (o nível mais alto de TFT já identificado no Brasil). De acordo com o autor, nessa mesma tribo, no período de 1970-1975 a TFT era de 5,3 filhos por mulher.

Em um outro estudo de caso, focalizando os Sataré-Mawé, no Estado do Amazonas, no ano de 2002-2003, Teixeira e Brasil (2005) estimaram uma TFT de 8,1 filhos por mulher. Já entre os Kaiamurá, Pagliaro e Junqueira (2007) observaram um aumento da TFT entre os anos de 1970-1979 e 2000-2003. Segundo essas autoras, no primeiro período analisado, a TFT era de 5,4 filhos, passando para 6,2 no segundo período.

Como mostram os dados citados acima, todos relativos aos povos amazônicos, a fecundidade está em franca expansão entre os indígenas aldeados do norte. Tal fato é interessante porque entre os Krenak ocorre justamente o inverso. Este estudo revela que a fecundidade está declinando rapidamente. No período de 2003-2007 a TFT Krenak já estava em 3,6 filhos por mulher, um valor bem abaixo dos encontrados entre os Xavante (Santos et al, 2005; Flowers, 1994; Souza e Santos, 2001), Kaiabi (Campanário, 2005; Pagliaro, 2005), Sataré-Mawé (Teixeira e Brasil, 2005) e Kaiamurá (Pagliaro e Junqueira, 2007). Infelizmente, até onde é de nosso conhecimento, não existem dados sobre a fecundidade dos povos indígenas aldeados fora da Amazônia legal para podermos compará-los com nossos achados.

As diferenças encontradas podem ser explicadas, por exemplo, pela idade média ao ter o primeiro filho. Entre os Krenak, essa idade é de 20,8 anos, ao passo que entre os Kaiamurá essa idade era de 18,8 anos em 2000-2003 (Pagliaro e Junqueira, 2007) e 16 anos para os Kaiabi das coortes nascidas entre 1975-1979 (Pagliaro, 2005). Como nos diz a literatura demográfica, quando maior a idade ao ter o primeiro filho, menores são as chances de uma alta parturição, uma vez que o tempo de exposição ao risco de gravidez se reduz. Além disso, entre os Krenak o intervalo médio entre os nascimentos é de 39,1 meses, enquanto entre os Kaiabi, entre 2000-2003 era de 36 meses (Pagliaro, 2005).

É provável que aspectos regionais possam estar influenciando no declínio da fecundidade entre os Krenak. O fato deste povo indígena estar aldeado na região sudeste do Brasil, em um estado rico, que apresenta um padrão de fecundidade baixo e uma estrutura educacional e de saúde mais robusta que os estados do norte, pode, de alguma maneira, influenciar os padrões de reprodução na Terra Indígena Krenak. É provável que entre os Krenak o volume de informação sobre maneiras mais modernas de controle da natalidade seja muito maior e mais eficiente do que o observado entre os povos amazônicos (seja via televisão, contato continuado com a sociedade branca, bem como um maior acesso aos postos de saúde). Essas especulações são importantes, e sugerem possíveis linhas de pesquisa, de cunho qualitativo, ou mesmo de uma incursão antropológica mais profunda.

Outro resultado que pode explicar a redução da fecundidade é o percentual de mulheres Krenak em idade reprodutiva que utilizava algum método para evitar filhos (71%), sendo que a grande maioria opta por pílulas anticoncepcionais, um método moderno, eficiente e que exige acesso e um certo grau de conhecimento para a sua utilização. Esse fator pode ser fundamental para o declínio observado nas TFTs dos Krenak. Mais uma vez, é provável que os povos indígenas aldeados da região

amazônica tenham pouco conhecimento e acesso a métodos contraceptivos modernos capazes de controlar efetivamente a gravidez. Vale ressaltar que esse hábito observado entre os Krenak (uso de pílula anticoncepcional) se distingue do observado para o Brasil como um todo, que utiliza, em grande medida, a laqueadura como o principal método contraceptivo (Caetano e Potter, 2004).

No geral, os dados deste trabalho revelam um novo padrão reprodutivo entre povos indígenas aldeados. O comportamento reprodutivo dos Krenak difere muito dos relatos obtidos entre os povos amazônicos. É claro nos resultados que está ocorrendo um declínio da fecundidade e uso intensivo de métodos modernos de contracepção entre as mulheres Krenak. Acredita-se que esses resultados, mesmo preliminares, já evidenciam a importância de estudos demográficos entre as populações aldeadas em regiões que não seja a amazônica. Os resultados deste trabalho mostram que devemos gerar mais informações sobre o comportamento reprodutivo dos povos indígenas aldeados no sul, sudeste e nordeste. É urgente a geração de dados confiáveis para se certificar se realmente estamos diante de um padrão norte e um padrão sul de fecundidade entre a população indígena aldeada no Brasil.

Bibliografia

Arantes, LL. Diferenças indissolúveis. Um estudo sobre a sociabilidade Borum. Brasília: UnB, 2006. 144p. (Dissertação de Mestrado)

Caetano, AJ., Potter, JE. Politics and female sterilization in northeast Brazil. *Population and Development Review*, 2004; v.30, n.1, p.79-108.

Campanário, P. Estimativas de fecundidade e de mortalidade de populações de pequena escala através de um modelo demográfico. In: Pagliaro, H.; Azevedo, M. M.;

Santos, R. V. (Orgs.). *Demografia dos Povos Indígenas no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 103-118.

Carvalho, JAM., Sawyer, DO, Rodrigues, RN. *Introdução a alguns conceitos básicos e medidas em demografia*. 2.ed. Belo Horizonte: ABEP, 1998. 63p.

Coimbra JR, CEA.; Garnelo, L. Questões de saúde reprodutiva da mulher indígena no Brasil. Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho. (documento de trabalho n.7), 2003.

Dias Júnior, CS., Verona, APA., Pena, JL., Machado-Coelho, GLL. Fecundidade das mulheres autodeclaradas indígenas residentes em Minas Gerais, Brasil: uma análise a partir do Censo Demográfico 2000, 2008, Mimeog.

Early, J. Low forager fertility: demographic characteristic or methodological artifact? *Human Biology*, 1985; v.57, n.3, p.387-399.

Flowers, NM. Crise e recuperação demográfica: os Xavante de Pimentel Barbosa, Mato Grosso. In: Santos, R. & Coimbra Jr, C. E. A. (Orgs.) *Saúde e povos indígenas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 1994, p.213-242.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Tendências demográficas: Uma análise dos indígenas com base nos resultados da amostra dos censos demográficos 1991 e 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

McSweeney, K; Arps, SA. "Demographic turnaround" The rapid growth of indigenous populations in lowland Latin America. *Latin American Research Review*, 2005; v.40, n.1. p.3-29.

Orellana, JDY; Basta, PC, Santos, RV, Coimbra Jr., CEA. Morbidade hospitalar em crianças indígenas Suruí menores de dez anos, Rondônia, Brasil: 2000 a 2004. *Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.*, Recife, 7 (3): 281-287, jul. / set., 2007.

Pagliario, H; Azevedo, MM; Santos, RVP. *Demografia dos Povos Indígenas no Brasil: um panorama crítico*. In: Pagliario H; Azevedo, MM.; Santos, RV. (Orgs.). *Demografia dos Povos Indígenas no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 11-32.

Pagliari, H. A revolução demográfica dos povos indígenas: a experiência dos Kaiabi do Parque Indígena do Xingu, Mato grosso. In: Pagliaro, H.; Azevedo, M. M.; Santos, R. V. (Orgs.). Demografia dos Povos Indígenas no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 79-102.

Pagliari, H.; Carvalho, NS.; Rodrigues, D.; Baruzzi, RG. Demography Dynamics of the Suyá, a Jê People of the Xingu Park, Central Brazil, 1970-2004. Cadernos de Saúde Pública, 2007; v.5, n.23. p.1071-1081.

Pagliari, H.; Junqueira, C. Recuperação Populacional e Fecundidade dos Kamaiurá, Povo Tupi do Alto Xingu, Brasil Central, 1970-2003. Saúde e Sociedade, 2007; v.16, n.2, p.37-47.

Paraíso, MHB. “Os botocudos e sua trajetória histórica” In História dos índios no Brasil, Manuela Carneiro da Cunha (Org.), Companhia das Letras, São Paulo, 1992, pp.413-430.

Preston, SH.; Heuveline, P.; Guillot, M. Demography: measuring and modeling population processes. Malden, MA: Blackwell, 2001. 291p.

Ribeiro, D. Convívio e contaminação. Efeitos dissociativos da depopulação provocada por epidemias em grupos indígenas. Sociologia, 1956, 18: 3-50.

Ribeiro, D. Culturas e línguas indígenas no Brasil. Educação e ciências sociais, 1957, 2:5-102.

Santos, RV.; Flowers, NM.; Coimbra JR, CEA. Demografia, epidemias e organização social: os Xavánte de Pimentel Barbosa (Etêñitépa), Mato Grosso. In: Pagliaro H.; Azevedo, MM.; Santos, RV. (Orgs.). Demografia dos Povos Indígenas no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 59-78.

Souza, LG.; Santos, RV. Perfil demográfico da população indígena Xavánte de Sangradouro-Volta Grande, Mato Grosso (1993-1997), Brasil. Cadernos de Saúde Pública, 2001; v. 17, n. 2, p. 355-365.

Teixeira, P.; Brasil, M. C. Estudo demográfico dos Sateré-Mawé: um exemplo de censo participativo. In: Pagliaro, H.; Azevedo, M. M.; Santos, R. V. (Orgs.). Demografia dos Povos Indígenas no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 135-154.

Wong, L.; Morell, MGG.; Carvalho, RL. Notas sobre o comportamento reprodutivo dos povos indígenas no período de 1991-2000. XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambu, 18-22 de Setembro, 2006.